

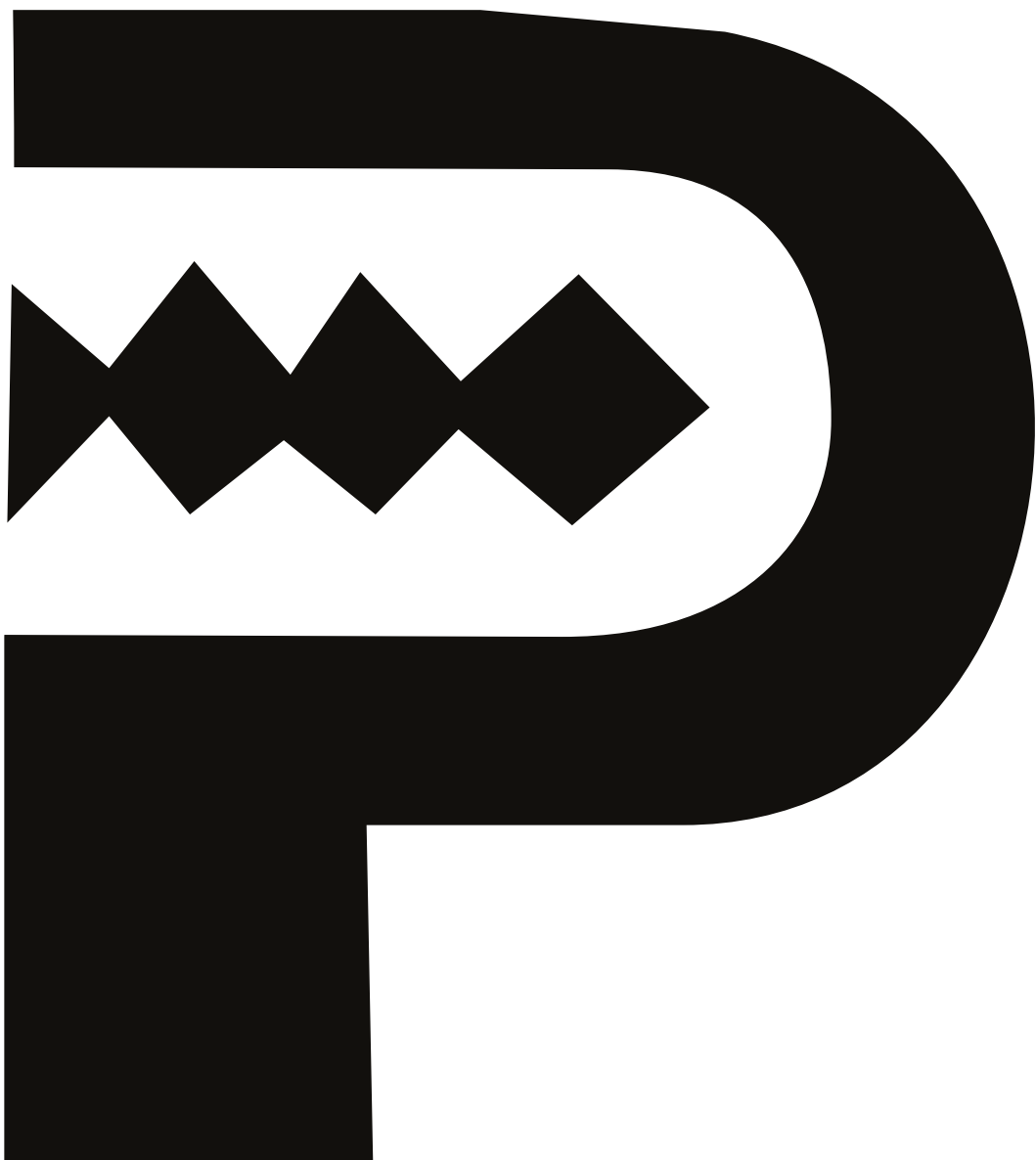
**caderno de  
educação**

**ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica**

**1995—2013**

**5**

**pérolas negras  
do saber**







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

## prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

**prof. danillo barata**  
**pró-reitor de extensão e cultura da ufrb**

**1995—2013**

**caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica**

# **PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA DO ILÊ AIYÊ**

**Arany Santana**

**ensaio**

<sup>1</sup> Termo regional, que significa reforço escolar.

<sup>2</sup> O *deburú*, também conhecido como flor do velho ou pipoca do velho, é uma expressão utilizada pelos Povos de Terreiro.

A década de 1980 foi crucial para a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação ao incluir oficialmente a obrigatoriedade do ensino de História da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, mas pouca gente sabe que a implementação dessa política pública nacional, que só se deu em 2003, teve a Bahia como pioneira.

Impulsionada pela pressão dos movimentos populares, fruto de incansável exigência do Movimento Negro Unificado, criado em 1978, somado aos terreiros de *candomblé* e ao primeiro bloco afro do Brasil, *Ilê Aiyê*, as Universidades Federal e Estadual da Bahia, mas, sobretudo, o Estado se viu tensionado, desde 1985, a inserir a temática na pauta das políticas públicas educacionais.

A audácia do *Ilê Aiyê*, que já em seu primeiro desfile, em 1975, em plena ditadura militar, desvelou o racismo no Brasil, exaltou a beleza e a força de heróis e heroínas da resistência negra — bem como a magnitude de reinos africanos, conteúdo nunca apresentado em sala de aula, traduzido sob o prisma de canções de forte impacto — gerou um movimento inédito de busca por parte de estudantes e professores das escolas do bairro da Liberdade por informações sobre as temáticas abordadas pelo bloco. Diante desse fato inesperado, a diretoria do *Ilê* se viu compelida a pensar ações que sistematizassem esse conhecimento. Era uma resposta à visão estereotipada dos

livros didáticos e da abordagem eurocentrada da História. Que História é essa que ecoava das canções do Ilê e firmava desde um novo padrão de beleza à valorização e salvaguarda das religiões de matriz africana?

A mentalidade visionária de Mãe Hilda Jitolu foi a mola propulsora do projeto educacional do bloco. A princípio, o pedido da matriarca era acolher crianças que passavam grande parte do tempo na rua, oferecendo-lhes banca<sup>1</sup>, já que sua filha Hildelice tinha formação em Magistério. A partir de então, constatou-se que esses alunos, para além do déficit em leitura e escrita, eram, em sua grande maioria, expulsos da rede escolar por sua multirrepetência, sendo, portanto, inquietos, indisciplinados, ou seja, fora do padrão esperado pelo sistema educacional. Por outro lado, o encantamento dessas crianças pelas músicas entoadas pelo Ilê Aiyê facilitava o processo de alfabetização.

Em 1985, diante da crescente pressão, o Conselho Estadual de Educação do Estado da Bahia aprovou a lei, logo sancionada, que inseria a “Introdução ao Estudo da História e das Culturas Africanas” nos currículos das escolas públicas e privadas.

No ano seguinte, 1986, uma comissão coordenada pela professora da UFBA, Eugênia Lúcia Viana Neri, composta por técnicos e professores dessa mesma universidade, além da Uneb e da Secretaria de Educação, implementou o primeiro curso de especialização em História da África, voltado para 30 professores de História da rede pública e dez membros de organizações negras de Salvador, desde que portadores de diploma de nível superior.

Pouco tempo depois, o barracão do Ilê Axé Jitolu já estava repleto de crianças sentadas em carteiras doadas pelo

então Secretário de Educação do Estado, Professor Dr. Edivaldo Machado Boaventura, que tornou realidade o sonho de Mãe Hilda em ver seu espaço sagrado transformado em escola, fato concretizado em 1988, quando nasce a Escola Mãe Hilda. Foi pelas mãos desse mesmo gestor que, em 1987, a disciplina de História da África foi implementada em dez escolas públicas de Salvador, mais precisamente em bairros periféricos de concentração da população negra. Tal política, infelizmente, durou apenas um ano. Com a mudança do governo e de todo o secretariado, a disciplina foi banida dos currículos, dependendo tão somente da boa vontade de alguns professores, que, sem nenhum apoio, sustentaram a temática por mais dois anos.

Na contramão do movimento governamental, o barracão do Ilê Axé Jitolu se tornou pequeno para o número de estudantes que crescia a cada ano, obrigando a escola ocupar outros espaços do terreiro. As músicas eram o instrumento pedagógico que transformou a escola num espaço de alegria, ludicidade e identidade.

Assim como manda a tradição do candomblé, Mãe Hilda fazia questão de usar recursos próprios para preparar uma farta mesa com a merenda das crianças, sendo essa geralmente vinculada aos orixás. Dessa forma, por exemplo, às segundas-feiras, oferecia-se pipoca, fazendo a alegria geral da criançada. Mãe Hilda aproveitava esses momentos para mostrar, com orgulho, que a “flor<sup>2</sup>” do velho Obaluayê era a comida do dono de sua cabeça e patrono do terreiro. Importante reforçar que foram incontáveis os momentos em que que flagrávamos Mãe Hilda Jitolu observando e admirando as aulas pelas frestas da porta entreaberta, sem que na maioria das vezes fosse notada pelos alunos.

# **O BARRACÃO DO ILÊ AXÉ JITOLU SE TORNOU PEQUENO PARA O NÚMERO DE ESTUDANTES QUE CRESCIA A CADA ANO, OBRIGANDO A ESCOLA A OCUPAR OUTROS ESPAÇOS DO TERREIRO**

A grande revolução da Escola Mãe Hilda se deu pela transformação de um espaço votivo em escola, oferecendo acolhimento a estudantes renegados pelo sistema escolar, agora felizes e aprendendo, para além do currículo formal, o respeito por uma religião secularmente discriminada e, sobretudo, a valorização da história de sua ancestralidade negra, desprezada até hoje por grande parte das escolas do país.

O sucesso metodológico da escola resultou na mudança comportamental dos alunos, que, devido ao espaço sagrado que frequentavam, aprendiam sobre o respeito mútuo, o respeito às diferenças, mas, sobretudo, o respeito aos mais velhos. Se tornou rotina os alunos pedirem a benção ao adentrar o ambiente escolar, fundamento vital das religiões

de matriz africana, de modo que não tardou para que essas crianças, então alfabetizadas, passassem a ser disputadas por escolas da região.

Foi a partir dessa exitosa experiência que, mais uma vez, a professora Eugênia Lúcia, em 1995, na maioria do bloco, chamou o presidente Vovô à responsabilidade de produzir material didático a partir da ótica dos carnavais do Ilê, assegurando a permanência da temática africana e afro-brasileira nos currículos das escolas da Liberdade e adjacências, promovendo conhecimento para os alunos e a capacitação de professores das redes municipal e estadual daquela região.

Nascia assim o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, materializado em seus *Cadernos de Educação*, contando com um time de peso de professores, dentre eles, Jaime Sodré, Makota Valdina Pinto, Jorge Conceição, Ana Célia da Silva, Maria de Lourdes Siqueira, Lindinalva Barbosa, sob a coordenação de Arany Santana e Jônatas Conceição. A qualidade do projeto atraiu importantes parceiros como a Fundação Odebrecht e as Secretarias Municipal e Estadual de Educação da Bahia, além de render o prêmio de terceiro melhor projeto pedagógico do Brasil pelo Itaú – UNICEF.

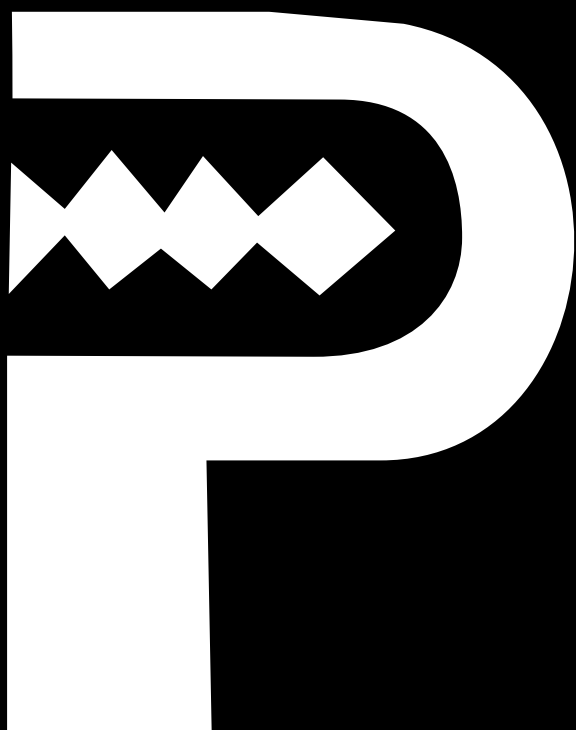
Somado à escola Mãe Hilda, o Projeto envolveu professores, dirigentes, coordenadores e supervisores das seis maiores escolas da Liberdade e entorno. Contemplou mais de três mil alunos, capacitou sessenta professores, que, por meio do conhecimento, puderam rever seus conceitos, suas convicções e crescer enquanto seres humanos.

Diante do sucesso, o curso foi estendido para dirigentes e assessores de blocos afros e afoxés, povos de santo, membros de associações culturais e grupos de capoeira que agora adentravam o espaço do Centro de Estudos Afro-O-

rientais, o CEAO, da Universidade Federal da Bahia, para receber essa capacitação.

O icônico tema do primeiro Caderno de Educação, fruto do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, não poderia ser outro senão “Organizações de Resistência Negra”. O material apresentava as mais importantes organizações negras brasileiras, desde o século XVI até a fundação do Ilê Aiyê, e já contava com o design gráfico do magistral artista plástico J. Cunha, que chegara no bloco muito antes, criando em 1978 sua identidade visual, o emblemático Perfil Azeviche. A partir de 1980, Cunha passou a desenvolver o design dos tecidos do bloco, finalizando a conjugação perfeita entre a transformação política, estética e, mais tarde, educacional do Ilê Aiyê, indo muito além do âmbito local de Salvador e tornando-se um marco nacional, quiçá internacional.

Era, enfim, o grito da raça ecoando, reescrevendo a história de nossos antepassados, elevando a autoestima de nossas crianças, num movimento revolucionário que mudou a mentalidade e a paisagem urbana de Salvador.





# sumário

4	prefácio
6	ensaio
16	apresentação
20	liderança negra
23	política
29	educação
36	ciências
43	religião
46	artes
56	esportes
60	as canções do ilê aiyê 1997

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# ILÊ AIYÊ, PARA TODA NEGRADA A ESPINHA DORSAL

**Maria de Lourdes Siqueira**

*Em memória de Mário Gusmão - artista do povo negro. E a todas Pérolas Negras que o racismo brasileiro silencia e torna invisíveis.*

**apresentação**

Pérolas Negras do Saber representam uma síntese de caminhos e estradas percorridos pelo Ilê Aiyê em seus 23 anos de existência.

Sempre com o mesmo princípio: a afirmação de uma cidadania negra com autoestima e reafirmando a herança ancestral que cultiva as raízes africanas e seus processos de reconstrução no Brasil e, especialmente, na Bahia.

O Ilê Aiyê já apresentou nas avenidas, em seus eventos específicos, nas escolas, nas universidades, junto ao movimento social organizado, ao movimento negro, a setores políticos nos âmbitos municipal, estadual e nacional e em shows no país e no exterior o resultado de seu Canto Negro. Número 1, 2 e 3 revivendo Impérios e Reinos Africanos: Mali, Dogões, Zimbabwe, Camarões, Ruanda, Gana, Senegal, Daomé, Angola; Líderes negros americanos; Zumbi dos Palmares; Revolta dos Búzios; a História dos 20 anos do Ilê Aiyê, Organizações Negras de Resistência, Civilizações Bantu e neste ano de 1997, o Ilê apresenta um trabalho síntese: personalidades negras que constituem o universo do Saber: **Pérolas Negras do Saber.**

Nossas homenageadas e nossos homena-

geados são pessoas negras, mulheres e homens de talento espiritual, intelectual, artístico, criadores de Terreiros de Candomblé, de Bloco-Afro, de organizações de resistência, de áreas de saúde, de engenharia, de campanha de alfabetização, de centros de pesquisa e documentação, de filmes, de música, de poesia, participantes do movimento negro, do movimento social organizado, lideranças políticas, símbolos e representações político-parlamentares e representações socioculturais nacionais e internacionais.

Mulheres negras e homens negros que criaram entidades negras a exemplo do Ilê Aiyê, em 1974, do Ilê Axé Jitolu, do Teatro Experimental do Negro nos anos 1930 como exemplos mais próximos de nossa convivência e mais reconhecidos entre o público que acompanha mais de perto a trajetória da luta negra na Bahia e no Brasil.

Com este Caderno de Educação nº 5 “Pérolas Negras do Saber”, o Ilê Aiyê reafirma compromissos, restabelece princípios, consolida sua vocação pedagógica-político-cultural contribuindo com o processo de formação de uma Consciência negra, que vai a cada dia se incorporando na vida do dia a dia de milhares de pessoas negras e não negras, que estão convencidas de que é preciso refletir e assumir, no discurso e nos comportamentos, o respeito pela dignidade que representa ser de origem africana num país onde 47% da população vem dessa ancestralidade e na Bahia, onde 80% da população é negra, segundo dados oficiais.

O Ilê Aiyê vem desenvolvendo este trabalho junto a diferentes comunidades, escolas, grupos de base, diferentes núcleos do movimento social organizado e movimento negro, que buscam experiências de vida, exemplos de Juta, testemunhos de comprometimento a nível de trabalho so-

cial, estudos, construção de conhecimentos, novas criações, sempre na perspectiva de afirmação de direitos de igualdade, onde as diferenças sejam reconhecidas e celebradas como RIQUEZAS a serem socializadas, a serviço de um mundo que considere, com reconhecimento, diversidades e pluralidades como valores essenciais do ser humano. Esperamos que este Caderno contribua ao seu trabalho, à sua reflexão, à sua compreensão do que ele significa no processo de construção de uma sociedade mais humana, mais digna onde as pessoas se reconheçam em suas singularidades.

**Janeiro, 1997.**

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Liderança negra

01



J. CUNHA

20

## **Antônio Carlos dos Santos Vovô**

Vovô, como é internacionalmente conhecido, é fundador, idealizador e criador da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê, juntamente com Apolônio de Jesus, já falecido. Vovô fez os estudos primário e ginásial na Escola Parque e depois os cursos de Patologia Clínica e o de Engenharia Eletromecânica. Antes de se dedicar, exclusivamente, ao trabalho de presidir e administrar o Ilê Aiyê e sua Banda, foi comerciário e operador da CEMAN e da COBAFE, no Polo Petroquímico da Bahia, de 1976 a 1981.

Inúmeras são as contribuições de Vovô para o resgate e a afirmação da cultura de origem africana no Brasil. Produziu os três discos do Ilê Aiyê. Foi coordenador do carnaval da Liberdade de 1989 a 1992. Coordenou o carnaval de Salvador, em 1996. É produtor de artistas nacionais e estrangeiros nos eventos do Ilê Aiyê. Foi membro da Comissão Organizadora da vinda de Nelson Mandela ao Brasil. Foi membro da Comitiva Oficial de Intercâmbio Cultural Bahia-Benin. Consultor para a criação de blocos afros no Rio de Janeiro, Maranhão e São Paulo. É responsável pelo Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, e, atualmente, é membro do Grupo de Trabalho Interministerial para a valorização da População Negra, em Brasília. É membro da Coordenação do Fórum Intermunicipal de Cultura, entre outras contribuições.

Com um trabalho voltado, exclusivamente, para a conscientização da população negra de seus direitos civis e fazendo isso através de manifestações político-culturais como o bloco Afro Ilê Aiyê, a Band'Aiyê, a Escola Mãe Hilda, o Projeto de Extensão Pedagógica, a Band'Erê e outras, Vovô tem acumulado prêmios e reconhecimentos no Brasil e no Exterior.



**São de Vovô essas frases:**

- ◆ “O Ilê Aiyê é, hoje, o único bloco realmente afro da Bahia. Nós temos orgulho de ser negros. Apenas com este orgulho poderemos modificar esta “pior” que nos deixaram”
- ◆ “O Ilê continua com a sua filosofia: é um bloco da Liberdade / Curuzu, uma comunidade cuja maioria é negra. Toda vez que você consegue se manter nessa selva que é a Bahia, é tachado de racista”.
- ◆ “Na Liberdade, o pessoal diz: ‘Nada da Liberdade vai para a frente, tudo o que sobe, desce’. Com isso, ele quer dizer que tudo de negro não vai para a frente. E quando você consegue segurar por 23 anos uma entidade como o Ilê – de negro, para o negro – provando que essa afirmação é mentirosa, é racista, aí você incomoda”.

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Política

02



23

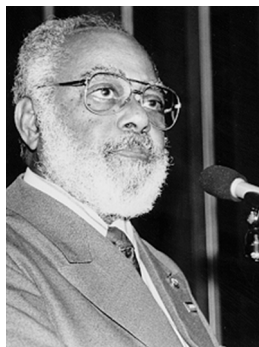
## **Abdias do Nascimento – o guerreiro negro**

Abdias do Nascimento, filho de José Ferreira do Nascimento e Georgina Ferreira do Nascimento, nasceu em 14 de março de 1914, em Franca – São Paulo. Seu pai era sapateiro e sua mãe doceira e “ama de leite”.

Abdias formou-se em contabilidade em 1929 e participou das revoluções de 1930 e 1932 – nesta última, como “cabo de esquadra”.

Participou das lutas do Movimento Negro Nacional da época, a “Frente Negra Brasileira”. Em 1938, formou-se em Economia pela Universidade do Rio de Janeiro.

Por suas atividades políticas durante sua carreira estudantil, foi condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional por lutar contra o “Estado Novo”.



Em 1938, organizou o Congresso Afro-Campineiro realizado em Campinas – São Paulo.

É membro do grupo de poetas argentinos e brasileiros denominado “Santa Hermandade Oromideo”.

Em 1944, Abdias fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN), criando espaço no teatro para o negro até então excluído do meio cênico. Em 1968, fundou o Museu de Arte Negra.

Em decorrência da ditadura militar de 1964, foi obriga-

do a deixar o país, permanecendo nos Estados Unidos, na Academia de Artes Dramáticas da Yale University (New Haven) e no Centro de Humanidades da Wesleyan University – Connecticut.

Foi contratado pela Universidade de Nova Iorque na qualidade de professor catedrático, onde funda a cadeira de Culturas Africanas no Novo Mundo.

Expõe em museus e galerias seus trabalhos de pintura.

Em 1976, foi convidado para ser professor visitante do Departamento de Línguas e Literatura Africana da Universidade de Ife, na Nigéria, onde participa do segundo Festival Mundial de Artes Africanas (Festac 77)

Dá continuidade à denúncia do racismo brasileiro em diversos foros internacionais do mundo africano, a exemplo do sexto Congresso Pan-Africano.

## **Benedita da Silva**

Antes de se dedicar à carreira parlamentar como Vereadora, Deputada Federal e agora Senadora, Benedita da Silva teve uma aguerrida militância comunitária nos morros cariocas, onde nasceu e até hoje reside.

Todo o seu trabalho parlamentar é dedicado, em especial, à defesa dos despossuídos, com ênfase aos afro-brasileiros, povo que marca definitivamente a formação do país como exemplo de trabalho e identidade cultural.

Benedita da Silva, em sua ação parlamentar, tem contribuído muito para a dignidade do trabalho doméstico. São dela vários projetos que beneficiam esta categoria composta majoritariamente por negros e negras.

No âmbito mais geral, a Senadora tem feito projetos que tornam obrigatória a menção do quesito “Cor” em formulários

de declaração dos nascidos vivos e de óbito. Com este projeto, a pesquisa de mortalidade e da democracia tornam-se mais evidentes, na medida em que vamos saber dados precisos sobre a mortalidade do nosso povo. Outro projeto importante de Benedita é o que dispõe sobre a inclusão da presença de negros nas produções das emissoras de televisão, filmes e peças publicitárias. É também de sua autoria o importante projeto que autoriza o Poder Executivo a instituir no âmbito do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça as Delegacias Especializadas em Crimes Raciais.



Benedita da Silva tem feito o seu trabalho parlamentar apoiado em dois eixos básicos: o dos direitos humanos e o da educação. Sem dúvida, a Senadora é um grande exemplo de político que exerce o seu mandato em prol da construção de um Brasil democrático em termos raciais. É por isso mesmo que, a cada eleição, Benedita da Silva tem o seu mandato parlamentar renovado pelo povo negro do estado do Rio de Janeiro.

### **Lélia Gonzales**

Lélia Gonzales nasceu no estado de Minas Gerais, em 1935, e foi morar depois com a família no estado do Rio de

Janeiro, onde faleceu em 1994.

Foi uma grande militante do movimento negro brasileiro contemporâneo, tendo contribuído enormemente para o fortalecimento de nossas entidades negras. Fundadora do Movimento Negro Unificado, militou depois no Nzinga, entidade de mulheres negras onde a questão do racismo e do sexismo era refletida e debatida através de diversas ações.

O trabalho de Lélia Gonzales sobre a situação da mulher negra e do homem negro extrapolou as fronteiras do Brasil. Em diversos momentos da história de vida desta grande militante, vamos encontrá-la em vários continentes denunciando o racismo brasileiro. Citamos alguns destes momentos:

**1. Congressos:**

- ◆ II Congresso das Culturas Negras das Américas, no Panamá.

**2. Seminários:**

- ◆ “Democracia para o Brasil”, Nova Iorque, 1979.
- ◆ “A Mulher sob o Apartheid”, no Canadá e na Finlândia, em 1980. “Situação Política, Econômica e Social do Brasil”, Itália, 1981.

**3. Simpósios:**

- ◆ “Economia e Política do Mundo Negro”, Los Angeles, 1979. “Raça e Classe no Brasil”, Los Angeles, 1980.

**4. Encontros:**

- ◆ II Encontro da Associação de estudos da Herança Africana, Pittsburgh, 1979. Encontro Preparatório da Conferência da Década da Mulher, Suíça, 1980.

**5. Conferências:**

- ◆ “Os Direitos Humanos e a Missão da Mulher”, Veneza,

1979.

- ◆ “Conferência Alternativa da Década da Mulher”, Copenhague, 1980. “Sanções contra a África do Sul”. Paris, 1981.

## **6. Palestras:**

Nos Estados Unidos, Europa e África: Senegal, Alto Volta e Mali.

Lélia Gonzales ensinou Cultura Popular na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e fazia o doutorado em Antropologia Política quando veio a falecer. Deixou vários artigos publicados no Brasil e no exterior e o livro “O Lugar do Negro”.

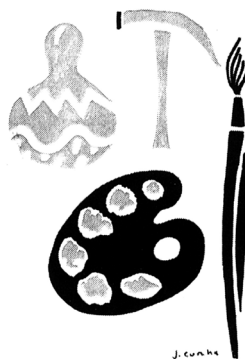


### **Algumas frases de Lélia Gonzales:**

- ◆ “Acredito que, entre homem e mulher negros, a intimidade é maior por terem vividos experiências históricas comuns e extremamente traumatizantes, como a escravatura”.
- ◆ “Se a mulher branca já é considerada objeto sexual, imagina a negra, porque a primeira ainda é passível de casamento, enquanto a segunda é vista apenas como objeto de prazer”.

# Educação

03



## Cosme de Farias

Nasceu Cosme de Farias a dois de abril de 1875, na freguesia de Paripe, subúrbio de Salvador, sendo seus pais Paulino Manuel de Farias e Júlia Cândida de Farias. Fez, apenas, o curso primário. Casado durante 64 anos com Dona Semíramis Andrade de Farias, nunca teve filhos – para quê, se todos os pobres, os necessitados eram filhos seus?

Foi jornalista, poeta, funcionário público, político (deputado estadual e vereador várias vezes) e no exercício dos mandatos que exerceu sempre foi um defensor intemorato (destemido) das causas públicas e do povo. Os seus subsídios, dividia com a pobreza.



Durante mais de 70 anos foi advogado provisionado, sempre na defesa, jamais aceitando causa para acusar. Na política, acompanhou, sempre, Seabra e, durante algum tempo, Severino Vieira. Mas foi Seabra o seu ídolo, a sua constante paixão, certamente identificados ambos pelo amor ao povo de onde vieram e a quem serviam desengadamente.

Fundou e dirigiu, durante décadas, a Liga Baiana Contra o Analfabetismo, imprimindo e distribuindo milhões de cartas de ABC.

Como homem de letras, publicou “Estrofes”, versos cheios de delicada inspiração. Publicou também o livro “Lama e Sangue”, versando temas políticos.

Na política baiana foi colaborador efetivo de todos os jornais, com uma seção denominada “Linhas Ligeiras”.

Nonagenário, tomou-se um símbolo na cidade, que muito o amava. Até os últimos dias de sua existência trabalhou, não faltando às sessões da Assembleia Legislativa, onde era deputado. A sua morte causou uma comoção popular. Foi levado ao cemitério nos braços do povo que ele amou e serviu durante toda a vida. Faleceu a 15 de março de 1972.

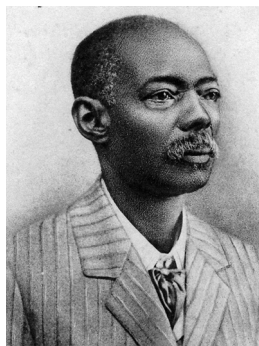
No dia 10 de março de 1972, Cosme de Farias concedeu sua última entrevista ao jornal A Tarde. Ele disse: “A Campanha contra o Analfabetismo não pode dormir, não pode esperar. Ela vai continuar no duro e na raça, perguntando qual será a sua orientação quando reassumir o mandato na Câmara Estadual. Temos que agir. A oposição não pode parar”.

### **Manuel Querino – artista da raça e classe**

Manuel Raimundo Querino nasceu na cidade de Santo Amaro da Purificação em 28 de julho de 1851, segundo Jaime Sodré em seu livro “Manuel Querino – Artista da Raça e Classe”. Manuel Querino está a merecer uma justa homenagem, porém, a cidade do Salvador o homenageou colocando o seu nome em uma rua do bairro de Pitangueiras. Teve como pais o carpinteiro José Joaquim dos Santos Querino e Luiza da Rocha Pila, que faleceram quando Querino tinha 4 anos de idade, ambos vitimados por uma epidemia de cólera-morbo que assolou Santo Amaro em 1855. Pessoas amigas dos seus pais o trouxeram para Salvador e, mais tarde, o Juizado de Órfãos nomeou como seu tutor o

bacharel Manuel Garcia, lente da Escola Normal que soube orientá-lo na infância e adolescência.

Aos 17 anos, Querino foi para Pernambuco e, no Piauí, foi recrutado para o serviço militar e, daí, para a Guerra do Paraguai.



Manuel Raimundo Querino foi um lutador exemplar, um negro valoroso e de brio, aluno do **Liceu De Artes e Ofícios**.

Estudou arquitetura, aritmética, álgebra, geometria, desenho industrial, “desenhos de figuras”, ornatos e geometria descritiva. Recebe, em abril de 1882, o Diploma de desenhista da secção de arquitetura.

Frequentou aulas de anatomia, estética e história das artes; cópia de gesso e pintura a óleo.

Foi premiado com a menção honrosa e duas medalhas de prata pela Escola de Belas Artes. No Liceu de Artes e Ofício, recebeu medalha de bronze, prata e ouro.

Lecionou desenho industrial no Liceu e no Colégio dos Órfãos de São Joaquim, pintou “Pano de Boca” para teatros e trabalhou auxiliando o Prof. Manuel Lopes Rodrigues na Igreja de Nossa Senhora da Graça.

Realizou pinturas no Hospital da Santa Casa de Mi-

sericórdia. Foi jornalista, sendo dono de dois jornais. Foi vereador e estudioso da cultura afro-brasileira.

Publicou livros sobre a religião afro-brasileira e outros temas ligados à presença do negro no Brasil.

Foi um dos primeiros historiadores negros a publicar um trabalho importante até hoje utilizado por pesquisadores e estudiosos das artes do Brasil. Querino foi líder operário em defesa dos artífices frente aos empreiteiros.

Manuel Raimundo Querino é um exemplo de superação e persistência que veio da orfandade e venceu por seu talento e esforço. Um negro que não se abateu diante da vicissitude da vida e do preconceito.

Querino faleceu dia 14 de fevereiro de 1923.

## **Maria Beatriz Nascimento**

Em Aracaju, Sergipe, a 17 de junho de 1942, floresce a vida em Maria Beatriz Nascimento no seio de uma família típica de negros trabalhadores e esperançosos, de pai pedreiro e mãe dona de casa e entre dez irmãos. Com sete anos, seguindo a rota da esperança, mudam-se para o Rio de Janeiro, em 1960.

Frequentou escolas públicas e graduou-se em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Perpetua a vida com o nascimento de Bethânia, filha querida, hoje bailarina do Dance Theatre of Harlem de Nova Iorque.

Beatriz Nascimento especializou-se em Técnica de Pesquisa com orientação dedicada de José Honório Rodrigues no Arquivo Nacional.

Sua paixão era a militância no Movimento Negro e a questão do negro, o que a fez fundadora do Grupo André Rebouças da Universidade Federal Fluminense, em 1975.

Foi o primeiro grupo de estudantes negros, dentro de uma universidade, a refletir sobre a realidade brasileira com artigos escritos por Beatriz.

Em 1981, Beatriz concluiu o curso de pós-graduação em História, tendo como ponto central da sua pesquisa os agrupamentos de africanos e seus descendentes enquanto “Sistemas alternativos organizados pelos negros dos quilombos às favelas”.

Juntando a condição de historiadora com a qualidade de militante, Beatriz defendeu suas ideias quer em seminários, quer em programas de televisão, encontros de sindicatos, conferências pelo país, artigos e em jornais e revistas.

O trabalho definitivo de Beatriz, que se prolongaria por mais de dez anos de pesquisas, é o filme “Ori”, de Raquel Gerber, no qual Beatriz é autora do texto, narradora e também personagem.

A sua paixão pelo cinema a motivou a iniciar o mestrado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde escreveu sua dissertação sobre a obra ficcional do baiano Muniz Sodré, levando em conta as mudanças de enfoque sobre as questões étnicas.

Beatriz Nascimento deixou para todos nós uma rica obra sobre a nossa História. Vamos citar algumas delas:

**1. Conferências:**

- ◆ “O Quilombo e a Historiografia”; “Culturalismo e Contracultura”; “A Libertação do Negro em São Paulo”, “Quilombo: Mudança Social ou Conservantismo”; “O Racismo na Mídia – Painel de Relações Inter-Raciais”.

**2. Livro:**

- ◆ “O Negro e a Cultura no Brasil”,

### 3. Publicações:

- ◆ “Por uma História do Negro”; “Negro e Racismo”; “Escravos a Serviço do Progresso: “A Mulher Negra no Mercado de Trabalho”: “Negro Visto por Ele Mesmo”; “A Senzala Vista da Casa Grande”: “Zumbi de N’ Gola Djanga ou de Angola Pequena ou do Quilombo dos Palmares”; “Quilombo: Em Palmares. na Favela, no Carnaval”.

### 4. Cinema:

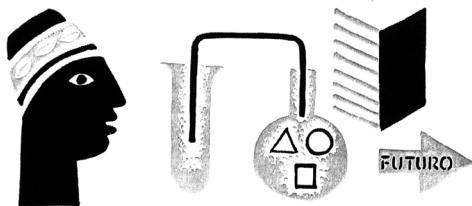
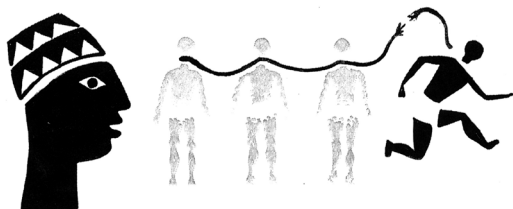
- ◆ “Ori”, texto e narração, em 1989.



No final da tarde de sábado, dia 28 de janeiro de 1995, Beatriz foi fria e brutalmente assassinada pelo preso albergado Antônio Jorge Amorim Vianna, na calçada do bar Pasteur, com 5 tiros, no bairro do Botafogo, onde residia. O assassinato foi condenado a 17 anos de prisão. Nós perdemos Beatriz Nascimento – uma vida, uma sementeira do saber, que produzia os frutos sadios do conhecimento e que colocava à disposição de todos nós, como exemplo, a essência de sua vida, luta, trabalho e estudo.

# Ciências

04



## André Rebouças

Nasceu André Pinto Rebouças na cidade de Cachoeira, a 13 de janeiro de 1838. Era filho do jurista e político, também baiano, nascido em Maragogipe, Antônio Pereira Rebouças.

Aos 16 anos, concluídos os estudos preliminares, matriculou-se na antiga Escola Militar, depois Escola Politécnica, do Rio de Janeiro. Um ano depois, era 2º cadete.



Em 1857, foi promovido a 2º tenente do Corpo de Engenheiros. Em 1859, recebeu o grau de bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas e, em 1860, o de engenheiro militar, sendo digno de nota por haver feito o curso sempre como o primeiro aluno. De 1861 a 1862, completou, na Europa, o curso de engenharia civil. Voltando ao Brasil, entregou-se a uma multiplicidade de trabalho e ao estudo de vários ramos da ciência universal. Não lhe diminuiu, no entanto, o ardor combativo em prol da causa abolicionista, entrando então, um dos seus mais audazes pioneiros. Por fim, vê o seu esforço, como o dos demais batalhadores da grande causa, coroado pelos melhores êxitos. Volta-se, exclusivamente, ao estudo e ao trabalho e, a 9 de maio de 1898, na Europa, quando em viagem de aperfeiçoamento, veio a falecer. Já então, seu nome conquistara um lugar de relevo

entre os dos que mais fizeram pela abolição e pelo engrandecimento do país.

## **Juliano Moreira**

Exemplo de pertinácia, de coragem, de amor ao estudo e de trabalho perseverante, Juliano Moreira nos deu inspiração. Com a força da sua inteligência e a versatilidade de sua cultura, dedicou-se aos estudos da ciência médica, chegando a ser um dos seus luminares.

Especializando-se em Psiquiatria, dedicou toda a sua vida visando minorar o sofrimento dos que, perdida a razão, vivem em um mundo diferente. Os seus conhecimentos científicos ultrapassam as fronteiras nacionais, sendo o seu nome justamente citado nos meios médicos das principais cidades europeias.



Nasceu Juliano Moreira a 6 de janeiro de 1873, em Salvador. Concluído o estudo de humanidade, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, por onde se doutorou. Após haver sido, durante algum tempo, assistente da clínica psiquiátrica na Faculdade baiana, seguiu para o Rio de Janeiro, em 1903. Na antiga capital da República, foi diretor do Hospício Nacional de Alienados, procedendo, ali, uma

reforma geral e introduzindo novos métodos no tratamento das doenças mentais.

Juliano Moreira publicou várias obras de valor, especialmente “Assistência aos Alienados no Brasil” (1906) e “A Evolução da Medicina no Brasil” (1908), que lhe realçaram, ainda mais, os dotes de verdadeiro cientista. Em sua especialidade, é um dos maiores de que se tem notícia no país. Faleceu no Rio de Janeiro a dois de maio de 1933.

## **Martagão Gesteira**

Nasceu Joaquim Martagão Gesteira na cidade de Conceição de Almeida, a 17 de maio de 1884. Concluídos os estudos primários e os secundários, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, diplomando-se em 1908. Ao lado da clínica que iniciou, numerosa e procurada, exerceu o magistério superior, chegando à cátedra de Clínica Pediátrica na Faculdade por onde se diplomara.

Em 1937, já famoso e conhecido em todo o país, foi convidado por Getúlio Vargas para organizar, no Rio de Janeiro, o “Instituto de Puericultura” – trabalho importante que executou e que se ligaria, para sempre, ao seu nome. No exercício da atividade pública, dirigiu com mãos firmes o Departamento Nacional da Criança, renovando antiquados métodos de trabalho e ação. Na Bahia, fundou a liga Baiana Contra a Mortalidade Infantil, que tantos e relevantes serviços prestou.

Em 1943, como reconhecimento aos seus méritos de grande médico e professor, paraninhou a turma dos doutorandos da Faculdade Nacional de Medicina, ocasião em que proferiu eloquente oração abordando o problema da mortalidade infantil, suas causas e seus remédios.

Ao falecer, depois de uma existência inteiramente dedicada a bem servir à humanidade, a Sociedade Brasileira de Pediatria rendeu-lhe as mais justas homenagens, reconhecendo-o como autor de uma obra grandiosa pela redenção da infância no Brasil.



Aliava à condição de médico as qualidades de orador, polemista e administrador. A sua morte ocorreu a 20 de julho de 1954, no Rio de Janeiro, perdendo a medicina brasileira um dos seus maiores expoentes.

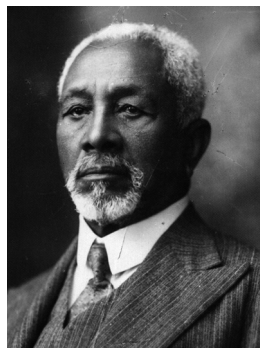
### **Teodoro Sampaio**

Foi exatamente no ventre de uma negra que, segundo as crônicas, representava um modelo de beleza e formosura da nação jêje, que nasceria, a 7 de janeiro de 1855, na sacristia da Capela do Engenho Canabrava, nas terras de Vila de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro, Teodoro Fernandes Sampaio. Foi uma das personalidades mais respeitáveis dos fins do Segundo Império e do primeiro quartel do período republicano como engenheiro civil, cartógrafo, arquiteto, geógrafo, geólogo, sociólogo, tupinólogo, político, intelectual, professor e artista.

A sua mãe chamava-se Domingas da Paixão do Carmo.

Era escrava do coronel Manoel Lopes da Paixão Costa Pinto e teve mais quatro filhos.

Era voz corrente que Teodoro Sampaio era filho do vigário da igrejinha da casa grande do engenho, tendo nascido 16 anos antes da promulgação da Lei do Ventre Livre, de



28 de setembro de 1871. Todos os indícios são de que tenha vindo ao mundo, como os outros irmãos que ele próprio depois libertaria com o dinheiro dos seus primeiros trabalhos, sob a mesma condição de escravo.

Foi graças ao seu pai, sob disfarce de padrinho – ou, simplesmente, protetor –, que conseguiu muito cedo a sua alforria e, também, o ensino das primeiras letras que lhe abririam os horizontes no sentido de uma grande vida.

Estudou as primeiras letras no colégio do professor José Joaquim de Pessoa, em Santo Amaro. Ainda criança, seguiu para São Paulo e, posteriormente, para o Rio de Janeiro, onde estudou humanidades no Colégio São Salvador. Matriculou-se, em seguida, na Escola Central, depois na Escola Politécnica, em 1871, diplomando-se em engenheiro civil em 1876.

Em 1879, fez parte da Comissão Hidráulica. Estudou e projetou os melhoramentos do porto de Santos e o do Rio

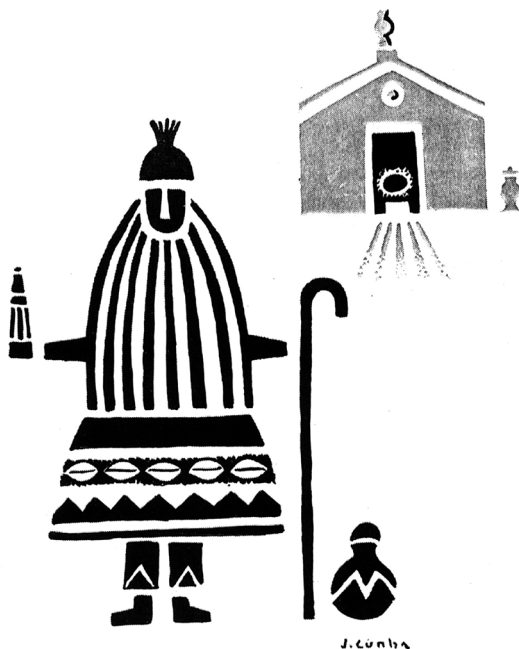
São Francisco. Em 1883, foi nomeado primeiro engenheiro para a Comissão de Melhoramentos do Rio São Francisco.

Em 1898, foi nomeado Diretor e Engenheiro-Chefe do Saneamento do Estado de São Paulo, em cujas funções esteve até 1903. Em 1904, retornou à Bahia, onde executou trabalhos muito importantes como as obras de recuperação do edifício da Faculdade de Medicina, do Liceu Salesiano de Salvador, entre outros. Longos anos depois, colaboraria na construção do edifício do Instituto Geográfico da Bahia, do qual viria a ser, nos seus últimos anos, orador oficial e presidente.

Toda a sua obra, quer reunida em livros, quer espalhada em publicações, tem um profundo sentido útil e um imenso sabor de originalidade. Os três livros mais populares de sua autoria são: “O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina”; “Tupy na Geografia Nacional” e “História da Fundação da Cidade do Salvador”. Faleceu Teodoro Fernandes Sampaio a 15 de outubro de 1937.

# Religião

05



## **Hilda Dias dos Santos (iyalorixá Hilda de Jitolu)**

Hilda Dias dos Santos nasceu em seis de janeiro de 1923. Casou-se com Valdemar Benvindo dos Santos, tendo cinco filhos: Antônio Carlos dos Santos Vovô, Hildete Santos Lima, Vivaldo Benvindo dos Santos, Hildemária Georgina dos Santos e Hildelice Benta dos Santos.



O pai de santo da Iyalorixá Hilda Jitolu era da nação Angola e chamava-se Cassiano Manoel Lima. Sua Digina era do jejê, cujo terreiro era localizado na Caixa D'água. O nome Jitolu foi dado a mãe Hilda no dia 24 de dezembro de 1942.

Depois da morte do pai de santo de Mãe Hilda, ela retomou as suas obrigações no Terreiro Cacunda de Iaiá, com Mãe Tança.

As obrigações de três, sete, 14, 21 e 25 anos com o pessoal do Terreiro Cacunda de Iaiá foram todas feitas na casa de Mãe Hilda. Ela conta que teve de lutar, vender comidas em obras e em fábricas para juntar dinheiro para fazer o Terreiro, fazer a Casa. Assim nasceu o Ilê Axé Jitolu. Este fato histórico aconteceu no dia seis de agosto de 1952. Mãe Hilda diz como começou o Terreiro: “Fizemos um barracão de palha, coberto de palha, todo faixado de palha.

Era assim quando inaugurou. Foi quando mostramos um renascimento, porque foi assim a primeira festa aqui, com os fundamentos todos, abrindo as portas pra muita gente. Aí se considera o nascimento. Nasceu um Terreiro”.

### **AÇÃO SOCIAL DA IYALORIXÁ MÃE HILDA JITOLU.**

Mãe Hilda teve participação decisiva para o surgimento do primeiro bloco afro no Brasil. Sobre o Ilê Aiyê ela afirma: “É uma instituição muito importante para o Brasil e que está ligada a esta casa. É a primeira instituição brasileira a mostrar a identidade negra que nasceu desta casa”. “Isso aí sobre o Ilê tem uma força, e eu creio que essa força foi trazida pela força do orixá”.

Nos anos 80, Mãe Hilda amplia a ação social do terreiro abrindo as suas portas para o funcionamento de uma escola primária – a Escola Mãe Hilda.

Foi a experiência desta escola que permitiu, em 1995, o surgimento de uma proposta arrojada em termos de educação pluricultural: o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, que atua em escolas públicas da Liberdade e nas escolas mantidas pelo Bloco.

Mãe Hilda de Jitolu é, hoje, indiscutivelmente, a grande Mãe Preta da Bahia e do Brasil. Com mais de 50 anos de Santo dedicados ao trabalho de preservação e expansão do patrimônio cultural africano no Brasil, Mãe Hilda é direta da tradição de luta empreendida por Zumbi e seus Guerreiros e Guerreiras em terras Palmarinas.

# Artes

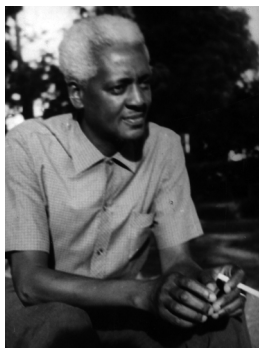
06



## **Batatinha (Oscar da Penha)**

Nasceu na Maternidade Climério de Oliveira, na década de 1920. Aos 12 anos, começou a trabalhar em uma oficina de marcenaria. Aos 15 anos, vai para o Diário de Notícias. Começou como contínuo de redação. Foi aí que surgiu o compositor Batatinha. “Eu gostava de cantar. Era ligado no Ciro Monteiro, Noel Rosa, Aracy de Almeida, todo o pessoal bom do samba daquela época”, diz.

Batatinha foi muito influenciado pelo compositor Wilson Batista. O seu primeiro samba pronto, com qualidade para gravar foi “Inventor do Trabalho”.



Ainda com o nome de Oscar da Penha, cantava como atração no programa “Parada de Calouros Eucalol”. Cantava músicas do repertório de Vassourinha. Nessa época, o apresentador Antônio Maria, o anunciou assim: “Com vocês, agora, Oscar da Penha, o sambista Oscar da Penha, o Batatinha”. Antônio Maria depois justificou-se ao sambista: “Chamei você de Batatinha, porque o pessoal está lhe chamando de Vassourinha. E Vassourinha está em São Paulo, não tem nada com isso”.

Nas décadas de 1950 e 1960, Batatinha participa ativamente dos Concursos de Músicas para o Carnaval. Em 1960,

perde o concurso com o samba que hoje é conhecido como “Diplomacia”, mas que antes tinha o título de “Tormento”.

Batatinha foi um grande ativista do nosso Carnaval. Não apenas como compositor e cantor (participou ativamente dos concursos de músicas para o carnaval, dos Gritos de Carnaval que as rádios Sociedade, Excelsior e Cultura da Bahia davam nas ruas, nas praias e nos clubes fechados) mas também como carnavalesco – foi um dos mentores do “Vai Levando”, organização carnavalesca popular dos anos 1950/1960.

Riachão assim definiu Batatinha: “Uma cabeça cheia de cabelos brancos e, cada fio, uma nota musical”.

#### **Discografia:**

- ◆ **1973** LP Samba da Bahia, com Riachão e Panela.
- ◆ **1976** LP Toalha da Saudade
- ◆ **1993** Batatinha 50 anos de Samba

Batatinha faleceu no dia três de janeiro de 1997.

### **Jackson do Pandeiro**

José Gomes Filho, Jackson do Pandeiro, nasceu em Lagoa Grande, estado da Paraíba, no dia 31 de agosto de 1919. Aos sete anos de idade, acompanhava sua mãe, Flora Mourão, cantora, tocando zabumba. Aos 13 anos, era empregado de padaria no interior da Paraíba.

Soube optar corajosamente mais tarde pelo pandeiro que lhe permitiu tocar cocos e rojões do seu povo. E foi com esse pandeiro que estreou em 1953 em disco de 78 rotações com as gravações do coco “Sebastiana” e do rojão “Forró em Limoeiro”. Tornou-se nome nacional, viajando em 1956 para o Rio de Janeiro para consagrar-se ao lado da primeira mulher, Almira Castilhos, entre os grandes representan-



tes da música popular nordestina produzida para o disco e divulgada pelo rádio.

Nesse sentido, Jackson do Pandeiro, assim como Luiz Gonzaga, deve ser considerado realmente criador do povo – e isso porque os dois, mesmo quando interpretavam músicas de terceiros, conseguiam sempre imprimir uma marca e um estilo reconhecíveis como coisas suas, não apenas pelas camadas populares das cidades nordestinas, mas pela própria gente do sertão.

Ao contrário de Luiz Gonzaga, cujo temperamento lírico e humor bonachão o fixaram mais na área de toada e do baião – de ênfase melódica, Jackson do Pandeiro ia revelar-se herdeiro da influência rítmica negra na música nordestina via coco originário de Alagoas, o que ia explicar a facilidade com que se adaptou – sempre de pandeiro na mão – aos sambas sincopados cariocas e à música de carnaval em geral.



### **Opiniões de Jackson do Pandeiro:**

- ◆ “Eu tenho um balanço meio chatinho que serve para toda época. A turma se liga porque, a não ser sambacação, pego de todo o lado, de frevo à música de terreiro. Músicas que têm balanço, no Brasil, faço todas elas. E o coco é o pai do negócio”.

- ◆ “O ritmo do samba é bom em qualquer época e agora estão fazendo de novo, mas puseram os músicos na geladeira só para apoiar o ritmo estrangeiro. Acabaram com os auditórios, passaram a tocar só discos e fitas e muitos músicos tiveram que vender seus instrumentos. Eu tive a sorte de pular fora, fui cantar. Mas mesmo assim aguentei a barra 12 anos, eu e Luiz Gonzaga”.
- ◆ “No ano passado, reconheceram que nosso carnaval é conhecido na Europa pelas marchas e não pelos sambas-enredo, mas tudo é moda, e samba-enredo está na moda. Entretanto, foi graças a ele que começou a volta ao samba”.
- ◆ “Nunca fugi das minhas origens e nem fujo. Já me chamaram para gravar ritmo estrangeiro com linguajar nosso, disseram que eu tinha bastante ritmo, mas eu não fui. Podia ter ganhado muito dinheiro, mas só faço Brasil mesmo. As fábricas por aí afora descobriram que eu toco pandeiro, agogô, sou um ritmista mais ou menos e têm me chamado para gravações. É bom, para o buraco do pano subir um pouquinho. Fala-se muito no meu nome, já gravei dois elepês por ano, mas dinheiro, não ganhei”.

## **Mário Gusmão**

Nasceu a 20 de janeiro de 1928, na cidade de Cachoeira. Formado em Teatro pela Universidade Federal da Bahia. Artista completo, Mário Gusmão não se limitava a representar: cantava e dançava do clássico ao popular. Mais que um artista, Mário Gusmão foi um negro militante que pre-

zou, acima de tudo, por suas raízes na Irmandade da Boa Morte, nos terreiros de Cachoeira e em terras africanas. Seu talento e experiência sempre foram postos a serviço de entidades negras que buscaram seu apoio: o Ilê Aiyê, o Olodum, o Muzenza e o Badauê.

Uma infinidade de blocos afro, afoxés e grupos artísticos conheceram a mão de Mário, seu orientador, grande incentivador e, antes de tudo, um irmão mais velho.

Como ator, Mário Gusmão interpretou personagens de São Jorge a Anjo Negro, de Anjo a Cristo, de Cristo a Oxalá e de Oxalá a um crente, de Bíblia na mão. Viveu no cinema, na TV e no teatro papéis inesquecíveis que receberam a marca inconfundível do grande intérprete que sempre foi.

Durante a sua vida, Mário Gusmão recebeu muitos títulos e prêmios. Tantos que, num ato de grande dignidade, recusou a Comenda de Honra ao Mérito do Estado da Bahia, no grau de Cavaleiro, revoltado com o pouco apoio dado à cultura pelas autoridades do nosso estado.



- ◆ **Principais filmes que participou:** O Caipora, seu primeiro trabalho. Recebeu o Prêmio Revelação de 1961. O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro. Pindorama. Anjo Negro. Madame Satã. Dona Flor e Seus Dois Maridos. Idade da Terra. Chico Rei. Jubiabá, Troca de Cabeça e o Quilombo.

- ◆ **Na televisão, Mário Gusmão já fez os seguintes trabalhos:** Tenda dos Milagres. O Pagador de Promessas. Tereza Batista. Dona Beija, entre outros.
- ◆ **No Teatro, entre outros trabalhos, Mário Gusmão atuou em:** Almanjarra, sua estreia como ator, em 29 de julho de 1958, na Escola de Teatro da Universidade da Bahia. O Auto da Compadecida. A Ópera dos Três Tostões. A Prostituta Respeitosa. Banquete dos Mendigos. Eles não usam Black-Tie. A Flor e a Náusea. Romanceiro da Paixão. Chico Rei.

Mário Gusmão faleceu em Salvador a 20 de novembro – Dia Nacional da Consciência Negra – de 1996.

## **Mestre Abdias**

Mestre Abdias é considerado símbolo de resistência da arte do Pano da Costa. Exerceu esta atividade por mais de 50 anos, superando todas as dificuldades de um trabalho não reconhecido, descaracterizado ao ser substituído por panos de fabricação industrial. Em oposição a esse processo, manteve-se fiel ao trabalho tradicional da confecção do Pano da Costa, inclusive trabalhando em um tear que possui mais de 110 anos, originário do Ketu e herdado do seu padrinho Alexandre Geraldo da Conceição que, mantendo a cadeia sucessória, tinha herdado do seu pai Sr<sup>o</sup> Ezequiel, e este por sua vez herdou do seu antecessor, que era africano. Mestre Abdias é o último que preservou essa herança de uma família de tecelões de Pano da Costa, originária do continente africano, que chegou ao Brasil por volta do século XVIII, proveniente do tráfico de escravos.

O aprendizado do Mestre Abdias começou aos 13 anos,

quando ele foi morar com o padrinho que o introduziu nesta arte, apesar da resistência inicial. São palavras do Mestre Abdias Sacramento Nobre: “Quando comecei aprender tecelagem, tinha uns treze anos, porque antes eu nem sonhava em aprender esta arte – eu com treze anos era menino. Aprendi a fazer tecelagem para fazer os Panos da Costa. Eu fiz uns doze Panos da Costa de seda, esses panos encontram-se no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Só aquele que tem paciência e resignação aprende essa arte. É muito tempo, muita paciência, calma e muito respeito para fazer o Pano da Costa, porque são usos dos Orixás, eles que o usam nas funções do candomblé”.

## **Nelson Maleiro**

Nelson Cruz chega à vida no dia 20 de janeiro de 1909. Nasceu em Saubara, então distrito de Santo Amaro da Purificação. Aos 10 anos, veio para Salvador, onde começou a trabalhar como embalador na loja Bahia Elétrica, na Baixa dos Sapateiros. A partir daí, ele inicia sua gloriosa carreira de sucesso. Sua versátil criatividade de início se direciona para o fabrico de malas, o que lhe valeu o codinome com que toda a Bahia passou a lhe reverenciar: Nelson Maleiro.

A arte sempre foi uma força que se apoderou daquele homem robusto que certamente ultrapassava os 100 quilos. Depois do fabrico de malas, colocou a sua inteligência a serviço das alegorias que tanto marcaram o carnaval da Bahia. Inicialmente com os Cavalheiros de Bagdá, uma de suas criações mais expressivas. Em outro momento, colaborou com os Internacionais que, durante vários anos, tiveram o seu desfile abrilhantado pela “Lâmpada de Aladim” e pelo “Pandeiro Cigano”, algumas das inúmeras invenções

de Nelson Maleiro para o tradicional bloco.

Atuante não só no carnaval, Nelson Maleiro, já afamado na cidade de Salvador, também era presença marcante na Lavagem do Bonfim com sua bicicleta de vários lugares sobre a qual levava alguma alegoria, enriquecida de alguma inscrição pertencente à festa.

A versatilidade era uma marca de Nelson Maleiro. Na década de 40, ele organizou a “Orquestra de Jazz Vera Cruz”, da qual participava tocando sax tenor. Maleiro foi também presença, vários anos, nas noites de Reis em Salvador como integrante dos Ternos Arigofe e do Sol. Como desportista, foi remador do Clube de Regatas Vera Cruz.

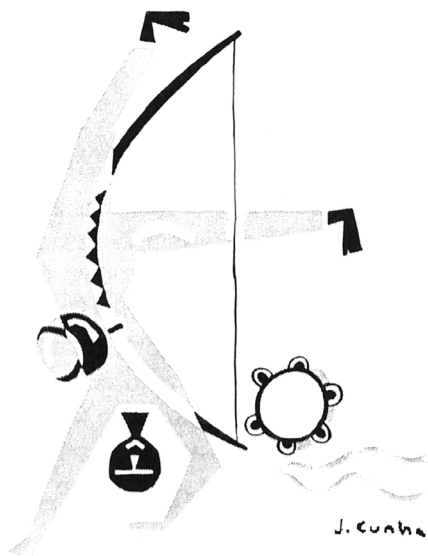
Por tudo isso, Nelson Maleiro é figura inesquecível na cultura popular da Bahia. Se, hoje, a linguagem percussiva é destaque em nosso Carnaval, virando-se as páginas da história encontraremos Nelson Maleiro como precursor da fabricação e conseqüente valorização dos timbaus, agogôs, atabaques, tumbadoras e uma variedade de instrumentos, na medida em que não só os confeccionava, como também sabia tocá-los muito bem.

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Esportes

07



56

## **Mestre Pastinha – 93 anos de capoeira**

Nasceu a cinco de abril de 1889 em Salvador, Bahia. Jogou capoeira até idade avançada. Em 1964, publicou um livreto intitulado “Capoeira Angola”, prefaciado por José Benito Colmenro.

Pastinha teve como Mestre um negro de Angola chamado Benedito. Uns informam que o seu Mestre foi Aberrê, outros acham que ele aprendeu com os dois.

Pastinha produziu “Melodias e Ritmos da Capoeira”, Jorge Amado assim se referia a Mestre Pastinha:

“Mestre Vicente Pastinha tem mais de setenta anos e é um mulato pequeno, de assombrosa agilidade, de resistência incomum. Quando ele começa a “brincar”, a impressão dos assistentes é que aquele pobre velho, carapina branca cairá em dois minutos, mas, nada disso se passa... Jamais se cansa, nem mesmo quando dança o Samba de Angola”.

Pastinha tinha a Escola de Capoeira de Angola, na Ladeira do Pelourinho. No primeiro andar, domingo, tinha a roda com capoeiristas conhecidos.

De todos os capoeiristas da época, foi Pastinha quem mais viajou até a África. Foi até lá como convidado do Ministério das Relações Exteriores do Brasil para participar



do 1º Festival Internacional de Artes Negras de Dakar em abril de 1966.

Hoje tem, no Pelourinho, a Escola Democrática do Pelourinho “Mestre Pastinha”. É uma escola de primeiro grau em sua homenagem.

### **Mestre Bimba: o rei da capoeira regional**

Manoel dos Reis Machado, mestre Bimba, nasceu em Salvador – BA, em 23 de novembro de 1900 na rua do Engenho Velho, freguesia de Brotas. Filho de Luiz Cândido Machado, famoso por sua habilidade como batuqueiro, caboclo de Feira de Santana e Maria Martinha do Bonfim, crioula de Cachoeira.

Começou a aprender capoeira na antiga estrada das boiadas, estrada da Liberdade. O seu mestre foi um africano chamado Bentinho, capitão da Companhia de Navegação da Bahia. Aprendeu, inicialmente, a capoeira de Angola, depois criou a “capoeira regional”, e a primeira exibição da sua inovação foi no campo do Machado em 1936.

Edson Carneiro notificou que mestre Bimba se tornou famoso por haver criado, na rua das Laranjeiras, no Centro His-



tórico, um estilo de capoeira que “apelidou” de “Luta Regional Baiana”, introduzindo golpes de Jiu-Jitsu, Boxe e Catch.

O mestre Bimba gravou um disco de capoeira, intitulado Curso de Capoeira Regional Mestre Bimba, pela gravadora Baiana JS Disco.

A “Capoeira Regional Baiana” foi também denominada “Luta Regional Baiana”, surgida do batuque, então proscrito, e da capoeira. Segundo Jair Moura, a “Capoeiragem Regional Baiana abrangia 50 golpes, dos quais 22 eram mortais, se bem aplicados”. A palavra “Regional” foi utilizada por Bimba por seu método ter sido inventado e praticado, naquela época, em Salvador.

Bimba foi trapicheiro, doqueiro, carroceiro, carpinteiro, mas Bimba foi essencialmente um “Grande Capoeirista que a história da capoeiragem tem obrigação de preservar e de guardar para sempre, com relevância, o seu nome”, afirma Jair Moura.

**1995—2013**

**caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica**

# **As canções do Ilê Aiyê 1997**

**08**

**60**

# **Ilê Aiyê: o símbolo da resistência**

**Valter farias e adailton poesia**

Venham aprender também  
Depois não vá dizer  
Que não ensinei pra ninguém  
Este é o Ilê Aiyê. És a Pérola Negra do Saber  
O símbolo da resistência  
Foi o Mestre Abdias  
E o pai do ensinamento Cosme de Farias  
Mestre Bimba e Mestre Pastinha  
Trouxeram a capoeira pra Bahia  
(Voltar ao refrão)  
Benedita da Silva a grande lutadora  
Fizemos de ti a nossa Senadora  
Yalorixá Hilda de Jitolu  
É a nossa Mãe Preta do Curuzu  
(Voltar ao refrão)  
O livro de Lélia Gonzales  
"A mulher sob o apartheid"  
Popó e Gusmão que não esquecemos jamais  
O Vovô quer nos dizer  
Que todos fazem parte do Ilê.

# Embarcação ilê

Paulo Vaz e Cissa

Nas águas barulhentas e profundas deste imenso mar  
Navega o Navio Negreiro ILÊ no rumo certo estar  
Pérolas Negras colhidas desde mar a mar  
O vento forte pode balançar  
A embarcação ILÊ AIYÊ não deve naufragar  
Na proa a capoeira de Angola Bimba e Pastinha  
Tambores e atabaques de Maleiro cantam Batatinha  
Vadeia Clementina o povo negro todo vadiou  
Ivone Lara no lararaô Diê Diê Olha lá Oxá  
Na mesa o bate papo de Gesteira, Sampaio e Farias  
Na popa Benedita Senadora, a lei se inverteria  
Acorda novo negro abre a mente para revolução  
Um abraço forte de Mário Gusmão  
O anjo Negro que o bom Deus levou  
Com alma, poetas doutores total nostalgia  
Unidos na crença irmanados todo santo dia  
No mastro a mão de Mãe Hilda a nos abençoar  
Um tapete negro no mar a flutuar  
O ILÊ AIYÊ fundamentado estar  
OH! JAMBA JAMBO  
MEU CANJIRA CANJIRÉ  
OLHA AI  
ARIRE, ALVORADA  
CURUZU ILE AIYE  
(REFRÃO)

*Jambá* = ouro    *Jambô* = lama preta    *Canjirê* = Dança    *Anirê* = Cantar

## **Gana azeviche**

**Rui poetta, miguel lucena e tita lopes**

Eu vi o mendigo  
Mexendo no lixo  
– E ele ia assim...  
Eu vi o primário Farias ensinando a seus filhos  
E ele também ia.  
Vi o Norton Nascimento imitando a vida:  
Bimba.  
Capoeira.  
Pastinha – Pérolas queridas  
O surdo dando a mão ao cego – escuta e lê  
E pérola sabedoria, negritude Aiyê  
Ora se vi!  
Eu vi Menininha ninando o menino Gil,  
Vi – e eles iam  
Cléia Simões deu direito a nascer  
– E ela também ia...  
O cego dando a mão ao mudo não vê o abrigo.  
Não.  
O mudo dando a mão ao surdo – escuta e fala;  
Um dedo com mais quatro dedos  
Formam a mão, irmão.  
Ver uma lavando a outra,  
Coisa rara.  
Ora se vi!  
Eu vi a raça de Benedita, Deus que negra, negra,  
Xica da Silva, a Zezé, apimentada deusa.  
E, pandeirando, Jackson debochou da maldade  
Pousando o seu “Sputinik” em plena Liberdade.  
A saber Ilê!

# **Orgulho de ser negro**

**Velho pinto**

Quem sou eu  
Eu vou lhe dizer ê ê  
Sou do Curuzu  
Tenho os pés no chão  
Sou Ilê Aiyê (BIS)  
Não coloquem maquiagem  
Pra que eu negue  
A minha cor  
Tenho orgulho de ser negro  
E nascido em Salvador  
Minha raiz é africana  
Consagrada pelo axé  
Tenho nobreza baiana  
Pois nasci do candomblé  
Quem sou eu...  
Embalado pelo som  
Da famosa Band'Aiyê  
Vou gingando na avenida  
Com você meu bem querer (BIS)  
Quem sou eu...

# **Negra fissura**

**Valmir Brito**

O mundo negro hoje está em festa  
Oh! Minha deusa, minha musa  
Oh! Meu amado amor  
O dia vem, dia vai  
E logo a noite cai  
Vou amanhecer no toque do tambor  
Na vida tudo passa  
Essa canção me arrasta  
Pela estrada desse amor  
Sem fim  
A negra me fissura  
Pé no chão e carne dura  
E dessa vez eu não vou desistir  
De viver no bloco do prazer  
E essa magia só está em você  
De viver no bloco do prazer  
E dessa vez não vale me esquecer  
**REFRÃO**  
O negro no Baquice lá kundê  
Ô ia ô  
o diguindim do Ilê Aiyê  
Ô ia ô  
Ô ía, Ô ia, Ô ia, Ô ia, Ô ia ô

## **Que nêga é essa?**

**Luis bacalhau**

Que nega é essa?  
Do sorriso lindo  
Dentes cristalinos  
Que nem marfim  
De onde ela veio  
Não me interessa  
Só sei que eu quero  
Essa nega só pra mim.  
Será que ela veio  
Do Congo ou de Angola  
Ou será que ela veio  
Da África do Sul, mas  
Existe uma probabilidade  
Que ela é Liberdade Barro preto Curuzu  
Seus ancestrais  
São de Benin  
Seu povo vive no Ilê  
Nega vem viver só pra mim  
Eu não posso viver sem você.

# **Pérola negra do saber**

**Juraci tavares da silva e antônio lourival da s. filho**

Resistir, fazer crescer

Reunir é o **Ilê Aiyê**

Resistimos eu e você

Aprendendo com o **Ilê Aiyê**

(REFRÃO)

Mentes que pensam

Vozes que cantam

Vêm de você

**Pérola Negra do Saber**

Matriz afro-baiana

Gerada de sua própria maré

É resistência, ciência, tecnologia, cultura e fé

Seus trilhos e guias

Sua verdadeira etnia é

Útero maior, sabedoria na oralidade

No pensar, no olhar e no candomblé

África mãe, menina mulher

**Grande Pérola Negra do Saber Você é**

Passado, presente, futuro

**Zumbi, Abdias, Gusmão**

**Negros sim**

**Benedita da Silva, Lourdes Siqueira, Mahim**

Com as Crianças Erês

Espelhos da negritude que vêm a mim

E se confundem com você, Ilê Aiyê!

Infinito no finito

Sábio no fazer

**Grande Pérola Negra Que Vive em Mim**

**Ilê Aiyê.**

## **A dialética do ilê**

**Alberto pita e reni flores**

Eu vou cantar  
Um conto de Lima Barreto  
Você vai amar  
Ficará sabendo que  
De fato e de direito  
Cosme de Farias  
Advogado de pobres  
Na Bahia  
Cantos e Magia  
Gantois Mãe Menininha  
Oh! Mãe Hilda  
Me ensina o seu saber  
Qual a essência  
Da Beleza do Ilê Aiyê  
Eu vou navegar  
No Navio Pan-Africanista  
Para celebrar, o que há de mais belo  
Entre a estética e a linguística  
Dialeticamente Ilê-Aiyê Quilombo cultural  
De Caetano e Gil  
Mário Gusmão e Amílcar Cabral  
Oh! Mãe Hilda  
Me ensina o seu saber  
Qual a essência  
Da Beleza do Ilê Aiyê  
Benedita e Abdias guerreiam  
Pela igualdade e a democracia  
Contra a discriminar  
É uma jóia de filosofia  
Que faz da riqueza do meu carnaval  
O Ilê muito mais do que bloco  
Aiyê muito mais do que belo  
Ideologia negra mundial  
Ilê: Pérola Negra do Saber a nos guiar  
Aiyê: Belos eruditos não param de brilhar

**Refrão**

**Refrão**

# **Guerreiros**

**Jorge kewlly**

A Sabedoria caminha  
De mãos dadas com a intuição  
Saber viver é síntese da existência humana  
Esse canto eficaz  
Fortemente Ilê Aiyê que emana.  
Anastácia, Zezé Mota  
Benedita da Silva  
Afrijá, minha filha  
Mãe Hilda, exemplo de vida.  
Mestre Bimba e Pastinha  
Capoeira Bahia  
Guerreiros negros Abdias  
Gusmão, Cosme de Farias

# **Recita pro mundo**

**Reizinho e ed grandão**

Oh sim  
A sua presença  
Ganhou meu ser  
Pérola Negra do Saber  
Eu não vou sofrer  
Eu vou te amar  
E dizer, rosa negra Ilê Aiyê.  
A cada batida do meu coração  
Sinto uma nova força  
Uma certa explosão  
Ilê, me leva a bailar  
Com sua beleza  
Transpirando em paz  
Recita pro mundo  
Sempre algo mais  
Você me venera.  
Ilê Aiyê, ô sim  
Você pra mim, venera  
Não vou sofrer, vou te amar  
Não pensei que fosse tanto  
O aval grande espanto  
Ao lhe ver passar...

# **Incansável ilê**

**Gilson nascimento**

Quem disse  
Que a história da gente  
Não tem porta  
Que é bobagem  
Pouco importa  
Sabe mais quem fala menos  
No centro da humanidade  
Quem pulsa é o negro  
Africano ou baiano  
É o mesmo intento  
E o terceiro milênio  
Já nos desponta  
Toca band'afro  
Nobre em seu portar  
O Ilê Aiyê  
No trajeto da teima  
Que a fé sustenta  
Encanto do povo  
Mais belo do lugar  
Não se cansa um rei  
Nosso Ilê rompe o tempo  
E atravessa o sonhar  
Quero, eu quero o querer  
Quero, eu quero, eu quero  
Eu quero o negro  
Na expressão do dia  
Raiando bem forte de um sol  
Que nasce mais claro na Bahia.

## **Carbono da África**

**Paulo Vaz, Cissa, Lourival**

Pura essência da alma  
Num jeito faceiro um simples olhar  
De boca em boca um beijo  
O negro é mestre na arte de amar  
O sereno nos molha a lua se deita  
O sol já chegou  
Brilha toda negrada, Explode coração  
Balançar Salvador  
Ajoelhou,  
Tem que rezar  
Ou me queres ou me deixas  
Me dá sua mão pra no Ilê te levar,  
(REFRÃO)  
Ilê Aiyê terra preta  
Oh! Grande senzala negrume total  
O carbono da África  
Pra toda negrada a espinha dorsal  
Passo a passo caminha ao cume do monte  
Em plena ascensão  
Ilê Aiyê é a estrela que brilha  
Mais forte no meu coração  
Ajoelhou,  
Tem que rezar  
Ou me queres ou me deixas  
Me dá sua mão pra no Ilê te levar  
(REFRÃO)

## **O prazer de ser ilê**

**Adailton poesia e valter farias**

O que é que está acontecendo meu Deus  
No bairro do Curuzu  
Sábado de carnaval meu bem  
Que arerê que zum, zum, zum  
Só poderia ser...  
Só poderia ser hé, hé  
A saída do Ilê Aiyê, Aiyê  
Só poderia ser meu bem  
O coral lindo de se ver  
BIS  
Vem gente de todo lado  
Pra filmar e fotografar  
Mesmo cantando embolado  
O povo quer participar  
Linda é sua fantasia  
Forte é sua tradição  
É o rufar dos seus tambores  
Que leva ao delírio a multidão  
É demais, é demais  
Curtir o Ilê Aiyê com você  
É bom demais meu bem  
Meu carnaval não tem graça  
Se não for com o Ilê Aiyê  
É a emoção da negra raça  
Que nos enche de prazer

## **bibliografia**

- Gonzales, Lélia e Hasenbalg, C. *Lugar de Negro*. Ed. Marco Zero, 1982.
- Loureiro, Antônio Souza. *Baianos Ilustres – 1567/1925*. Ed. Ibrasa/INL, 1979.
- Nascimento, Maria Beatriz et alli. *Negro e Cultura no Brasil*. UNIBRADE/UNESCO, 1987.
- Santos, Hilda Dias. *A História da Minha Vida*. Salvador, 1996.
- Sodré, Jaime. *Manuel Querino – Artista da Raça e Classe*. No prelo.

*créditos da edição 2025*

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**  
**Reitora:** Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

**Anjo Negro Selo Editorial**

**Editor:** Danillo Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

**ISSN 2236-6784**  
**e-ISSN 2764-5878**

---

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

*créditos da edição original*

Projeto de Extensão Pedagógica  
Caderno de Educação do Ilê Aiyê  
**Vol. 5 – Pérolas Negras do Saber**

---

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê  
Aiyê

**Diretoria**

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)

**Presidente:** Antônio Carlos dos Santos Vovô

**Vice Presidente:** Aliomar de Jesus Almeida

**Coordenação:** Arany Santana • Jônatas  
Conceição da Silva • Paulo César da Costa  
Cerqueira **Assessoria Geral ao Projeto:**

Samuel Aarão Reis **Educadores:** Jaime Sodré  
• Maria de Lourdes Siqueira • Valdina  
Pinto **Capa e Ilustrações:** J. Cunha

**Composição/Arte Final:** Edinalva Folha •

Gioselito Souza **Impressão:** Neográfica

(386-2670) **Nossos Parceiros:** CEAO/  
UFBA - Centro de Estudos Afro-Orientais  
da Universidade Federal da Bahia • CESE-  
Coordenadoria Ecumênica de Serviço •  
Fundação Odebrecht • Grupo Ultra-Brasilgás  
• Secretaria Municipal de Educação •  
Secretaria Estadual de Educação • UNICEF

Filho End. Rua do Curuzu, 197, Liberdade  
CEP 40305 000, Salvador • Bahia  
Telefax 71 241 4969



**PROexc**

PROJETOS DE EXTENSÃO E CULTURA

**UF**B

Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

**TI PALMARES**  
FUNDAÇÃO CULTURAL

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO